



Riscos do uso medicinal da folha de pitangueira

08

O cientista brasileiro que mudou os rumos da Física

13

**O futuro chegou:
CONFLICT e CONPG
na era da
Inteligência Artificial**

PÁG. 3

Expediente

Reitora da UENF
Rosana Rodrigues

Gerente da Assessoria
de Comunicação
Vitor Sendra

Editora Responsável:
Fúlvia D'Alessandri

Jornalistas:
Francislaine Cavichini
Wesley Machado

Fotógrafa:
Maria Clara Freitas

Designer Gráfico:
Marcus Vinicius S. Cunha

ASCOM

Assessoria de Comunicação da Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro

✉ ascom@uenf.br
🌐 www.uenf.br

CONFICT e CONPG debatem Inteligência Artificial



Riscos do uso medicinal da folha de pitangueira



O cientista brasileiro que mudou os rumos da Física



Cultura como prioridade



Antes tarde do que nunca



De jogador de futebol e expoente da ciência brasileira



O futuro chegou: **CONFICT e CONPG na era da Inteligência Artificial**

De 10 a 14 de junho de 2024 no
Centro de Convenções da UENF



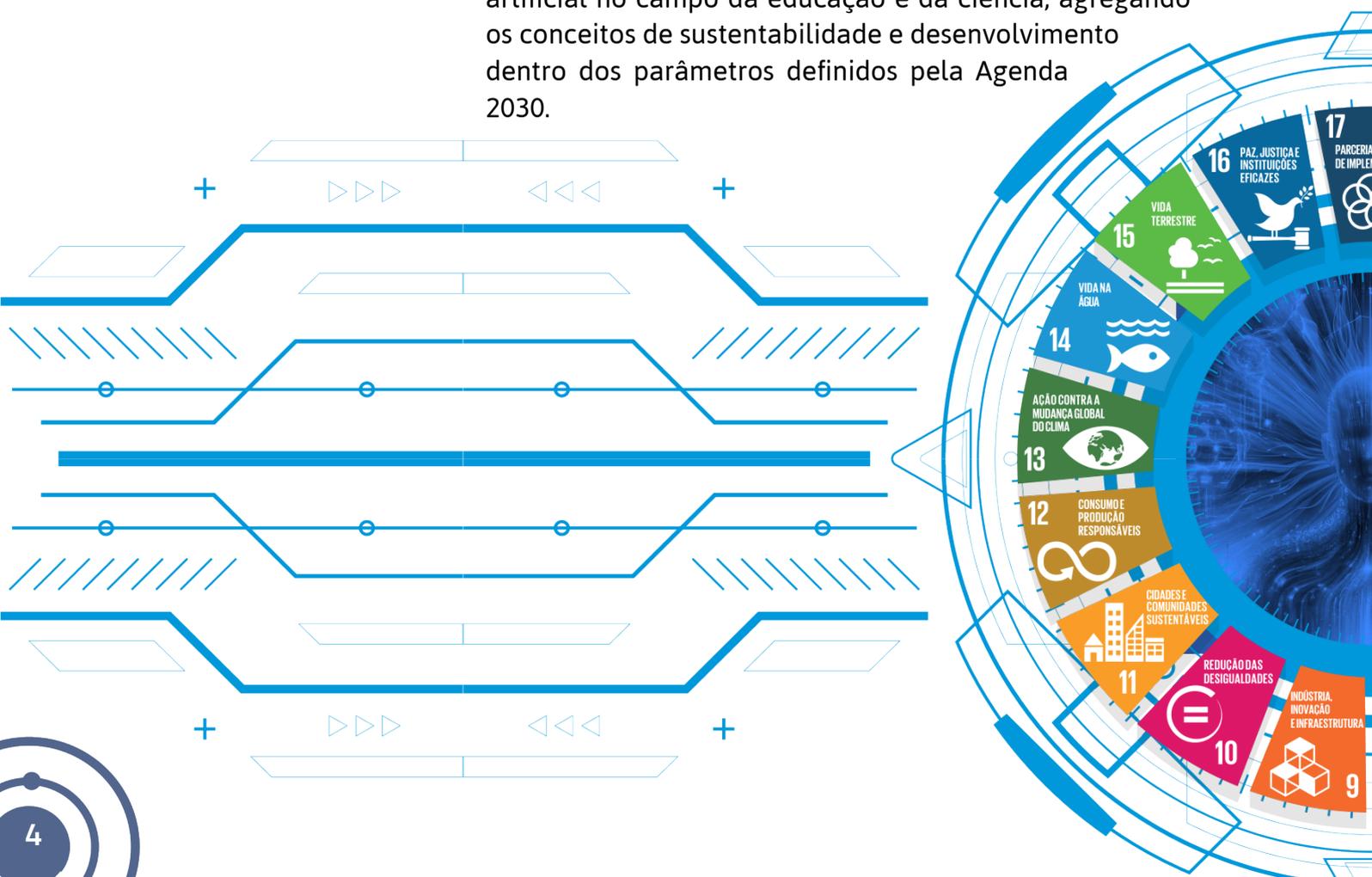
Recorde de mais de **2 mil** inscritos e mais de **1,5 mil** trabalhos submetidos

O XVI Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica (CONFLICT) e o IX Congresso Fluminense de Pós-Graduação (CONPG) estão sendo realizados nesta semana de 10 a 14 de junho de 2024 no Centro de Convenções Oscar Niemeyer, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Os tradicionais eventos acadêmicos são organizados pela UENF em conjunto com o Instituto Federal Fluminense (IFF) e a Universidade Federal Fluminense (UFF), com o apoio da FAPERJ. Com um recorde de mais de 2 mil inscritos e mais de 1,5 mil trabalhos submetidos, o XVI CONFLICT e o IX CONPG estão debatendo em 2024 o relevante e atual tema da Inteligência Artificial.

A pró-reitora de Pesquisa e Pós Graduação, Maria Cristina Canela Gazotti, afirma que em 2024 o XVI CONFLICT e o IX CONPG estão sendo eventos bastante inovadores.

– Estamos destacando o tema da Inteligência Artificial (IA), que é um assunto do momento em termos de debate internacional e já faz parte do nosso dia a dia. Convidamos pesquisadores conferencistas que trabalham nesta área de IA no Brasil. Um *spoiler* é que temos um convidado jovem, que saiu de Campos e hoje tem se destacado em IA – adianta Maria Cristina.

Com o tema central “A era da IA: o futuro chegou”, os congressos se propõem a debater os aspectos da inteligência artificial no campo da educação e da ciência, agregando os conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento dentro dos parâmetros definidos pela Agenda 2030.

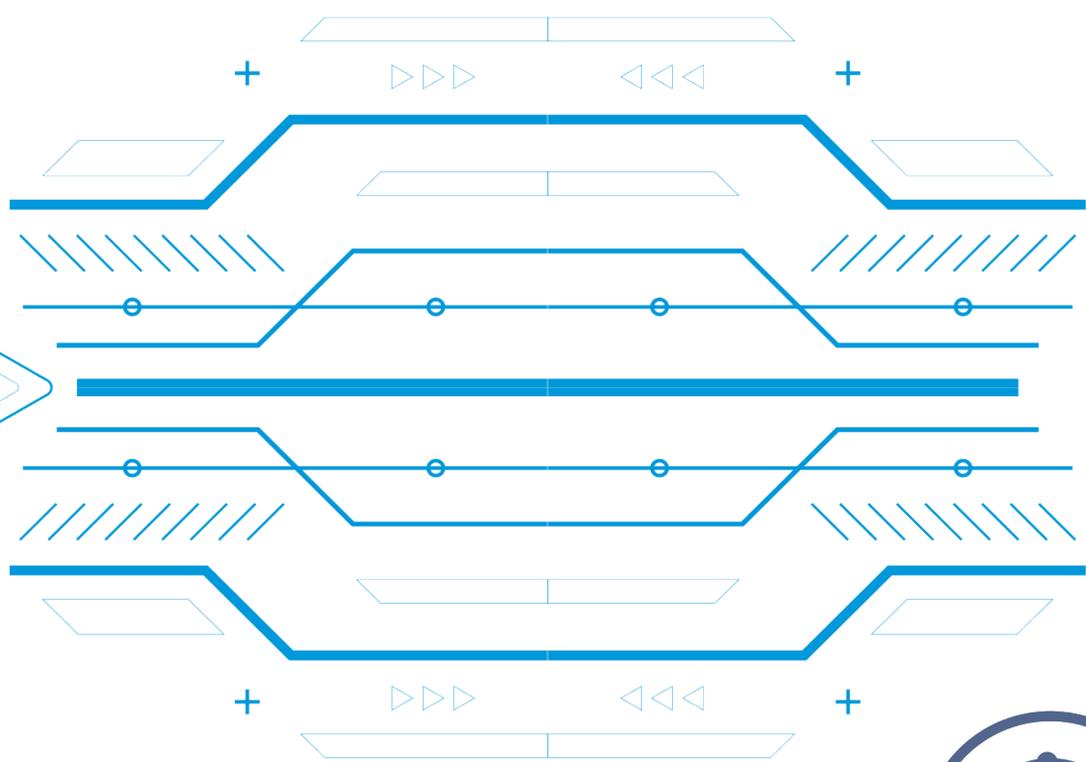


Eixos temáticos em consonância com os objetivos de desenvolvimento sustentável

No CONFICT e no CONPG, os estudantes da UENF, do IFF e da UFF apresentam as pesquisas desenvolvidas nos seus programas de iniciação científica e pós-graduação e debatem temas relevantes para a ciência. Em 2024, o XVI CONFICT e o IX CONPG estarão divididos em quatro eixos temáticos: Clima e sustentabilidade; Fome zero, saúde e bem estar; Educação, redução das desigualdades e justiça social; e Cidades, desenvolvimento e inovação.

Os eixos foram definidos utilizando-se indicadores bibliométricos com base em diferentes plataformas de análise, em um trabalho conjunto da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UENF (ProPPG) e da Vice-reitoria da UENF. Um breve panorama da produção bibliográfica da UENF demonstrou forte viés associado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Agenda 2030 das Organizações das Nações Unidas (ONU). O levantamento levou em consideração publicações da UENF indexadas na base Scopus entre 2018 a 2024.

A UENF possui contribuições nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), com destaque para as publicações associadas aos ODS 2 (Fome zero), 9 (Inovação e infraestruturas), 11 (Cidades e comunidades sustentáveis), 12 (Produção e consumo sustentáveis) e 15 (Ecossistemas terrestres





Maria Cristina Canela, pró-reitora de Pesquisa e Pós-graduação da UENF

e biodiversidade) com um número maior de citações recebidas no período amostral.

Quando se avalia o indicador impacto da citação ponderada por campo de conhecimento (FCWI) e se elencam os ODS com FCWI maior que 1,0, além dos destacados acima, emergem os ODS 6 (Água e saneamento), 8 (Trabalho digno e crescimento econômico) e 13 (Combate às alterações climáticas), todos com média de citação superior à média mundial nos diferentes campos de conhecimento. Estratificando as análises por centro, observa-se o protagonismo do CCH associado aos ODS 1, 4, 5, 11 e 16, do CCTA aos ODS 1, 2, 3, 6, 8, 11, 12 e 13, do CBB aos ODS 3, 4, 5, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, e do CCT aos ODS 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14 e 15.

A UENF faz parte da Rede ODS Universidades Brasil e lançou diversos editais de fixação de jovens doutores com pesquisas relacionadas à Agenda 2030. Com todo esse *background* institucional, os estudantes de iniciação

científica e pós-graduação da UENF, IFF e UFF, submeteram os seus trabalhos e os apresentarão de modo que se conheçam as iniciativas e atividades das três instituições no campo de aprendizagem dos ODS.

Maior Integração entre os centros e os programas de pós-graduação

A pró-reitora ressalta também que a PROPPG (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação) objetiva que os eventos sejam muito mais integrativos.

– As apresentações dos *banners* estão sendo com as três instituições ao mesmo tempo. Esperamos que haja uma interação maior entre os centros e os programas de pós-graduação da UENF, o que a Capes vem recomendando. O melhor prêmio vai ser para o primeiro lugar da iniciação científica na apresentação oral em que o vencedor vai ganhar uma imersão de um mês na Universidade de Coimbra, Portugal, em uma iniciativa da ASSAI (Assessoria de Assuntos Internacionais e Institucionais) – informa Maria Cristina.

Destaque também para o Programa Mais Ciência da Prefeitura de Campos dos Goytacazes-RJ, que teve uma sessão de apresentações como parte da programação do evento.

Serviço:

Evento: XVI Congresso Fluminense de Iniciação Científica e Tecnológica (CONFICT) e o IX Congresso Fluminense de Pós-Graduação (CONPG)

Data: 10 a 14 de junho de 2024

Local: Centro de Convenções Oscar Niemeyer, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF)

Organização: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Instituto Federal Fluminense (IFF) e Universidade Federal Fluminense (UFF).

Para acessar a programação completa clique aqui.



Riscos do uso medicinal da folha de pitangueira

Pesquisa da UENF encontrou compostos tóxicos em alto nível nas folhas de árvores cultivadas em ambiente urbano

Pesquisadora Laís Bezerra coletando amostras da folha da pitangueira

PE1SF4
PE1SF5
PE1BF
SF1

Uma pesquisa do Laboratório de Biologia Celular e Tecidual (LBCT) do Centro de Biociências e Biotecnologia (CBB) da UENF mostrou que as pitangueiras — árvores cujas folhas são usadas pela medicina popular para fazer chá — podem acumular altos níveis de compostos tóxicos (bário e chumbo) quando localizadas em ambientes urbanos, alcançando concentrações não recomendadas para consumo pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

O estudo foi publicado como artigo científico online em 2021 e em 2023 em uma edição recente da revista científica *Trees: Structure and Function*. O título do artigo é “*Chemical and cytotoxic changes in leaves of Eugenia unifora L., a medicinal plant growing in the fourth largest urban centre of Latin America*”.

A pesquisa foi produto do doutorado (2016-2021) de Laís Bezerra no Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), com orientação da professora e diretora do LBCT, Maura Da Cunha, e coorientação da professora da Uerj Cátia Callado.

Na medicina popular, as folhas das pitangueiras são utilizadas em banhos para tratar febres, no chá para combater diarreias persistentes, em gargarejos para infecções de garganta e como remédio contra reumatismo e gota. No entanto, a pesquisa mostra que é importante tomar cuidado com o local de cultivo dessas plantas.

— A OMS regulamenta os limites máximos permitidos para metais tóxicos em plantas medicinais. No caso do Pb (chumbo), esse limite é de 10 µg/g (micrograma/grama). Esta foi exatamente a concentração de Pb encontrada em amostras de folhas no sítio urbano neste trabalho. Um dos principais fatores que contribuíram para isso foi a proximidade com a rodovia e seu intenso trânsito de veículos — explica a pesquisadora.

Ela ressalta que ainda é comum a ideia de que as plantas, por serem naturais, não são prejudiciais. A pesquisa, no entanto, mostra que não é bem assim. Mesmo que a planta pareça saudável, ela pode estar contaminada pela poluição do local.

— Vimos que o extrato feito com as folhas do ambiente urbano foi tóxico, levantando um alerta sobre o uso medicinal das folhas da pitangueira se desenvolvendo nesse local. É preciso ter cuidado com a área de coleta — ressalta Laís.

O estudo destaca a importância de que sejam realizadas investigações mais abrangentes sobre os desafios observados em plantas medicinais cultivadas em ambientes urbanos, como nas margens da Avenida Brasil, mais precisamente próximo à Fiocruz, em Manguinhos, onde a pesquisa foi realizada.

— Os resultados obtidos nesse estudo podem fornecer informações para a criação de políticas públicas que assegurem o uso me-

Thaís Nogueira realizando teste de citotoxicidade no laboratório da IBRAG, UERJ, Rio de Janeiro



dicinal da pitangueira. Além disso, o trabalho também serve como um incentivo para que sejam realizadas mais pesquisas na área, inclusive com outras espécies, além da pitangueira — destaca Laís.

A pesquisa mostra que as plantas podem atuar como filtros biológicos, absorvendo grandes quantidades de poluentes do ambiente. Em ambos os locais de estudo, foram detectados 19 elementos químicos nas amostras de solo e 15 nas amostras de folhas, com diferenças entre as concentrações de alguns deles a depender do local.

No sítio urbano, por exemplo, os elementos Ca (cálcio) e Pb (chumbo) apresentaram maior concentração tanto nas amostras de solo quanto nas amostras de folhas. O elemento Cl (cloro) mostrou-se amplamente distribuído nas folhas, apresentando concentração quase duas vezes nas plantas do sítio urbano. O cloro é um dos principais resíduos tóxicos gasosos liberados em processos industriais.

De acordo com os autores do trabalho, a maior concentração de cálcio nas folhas no sítio urbano pode estar relacionada à maior concentração deste elemento no solo daquele local. Neste caso, a estratégia que a planta teve para se defender foi acumular o cálcio em forma de cris-

tais. O cálcio é comumente encontrado no material particulado emitido na atmosfera pelos canteiros de obras, prática comum na região onde o sítio urbano está localizado. O dado serve de alerta, segundo os autores, porque o consumo de oxalato de cálcio pode causar complicações à saúde humana.

O chumbo (Pb) é um metal pesado não essencial às plantas e sem qualquer atividade relacionada aos seus processos metabólicos, mas é facilmente absorvido e acumulado em diversas partes dos vegetais. A deposição atmosférica constitui uma das principais vias de absorção de Pb pelas plantas.

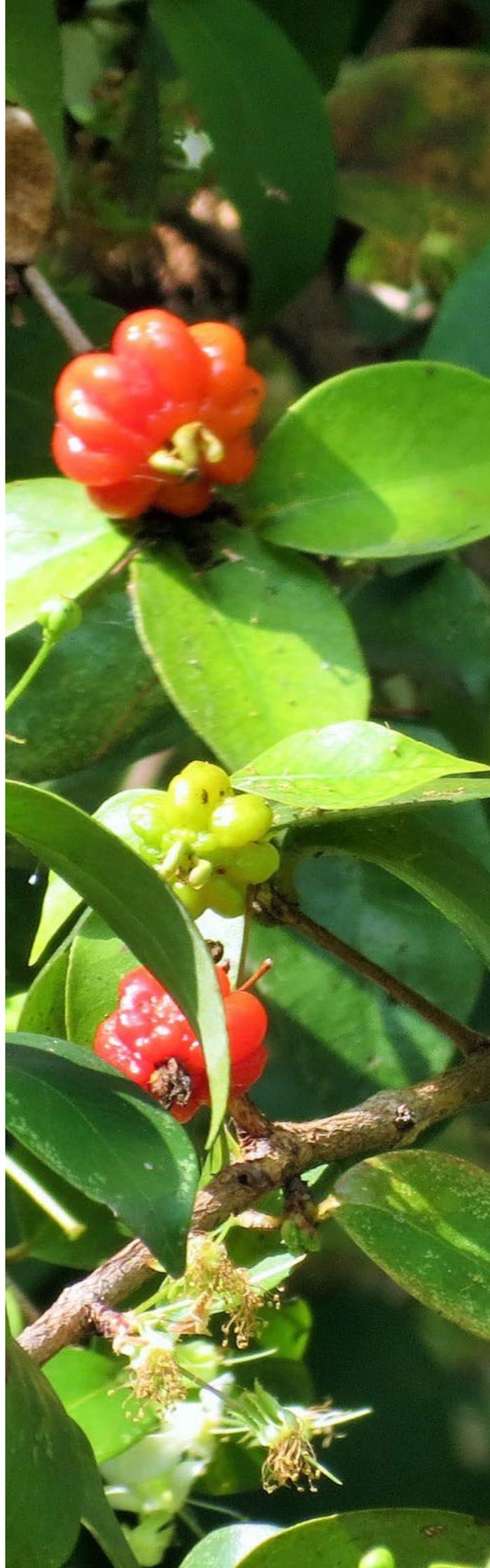
A partir desses dados, a equipe elaborou um vídeo com uma parte desses resultados, para divulgação científica: clique **AQUI** e assista no Youtube.

O artigo também conta com a autoria dos pesquisadores Cátia Callado, Thaís de Vasconcellos, Thaís Nogueira, Ramon dos Santos, Davyson Moreira, José Carlos de Mattos, Marcelino Anjos, Marcos Murata e Maura Da Cunha, sendo esta a coordenadora do trabalho e supervisora de pós-doutorado de Laís Bezerra.

Pitangueira pode chegar a 12 metros de altura

Conhecida cientificamente pelo nome *Eugenia uniflora* L., a pitangueira atinge entre seis e 12 metros de altura. Ela é dotada de copa pouco globosa, tronco tortuoso e liso medindo de 30 a 50 cm de diâmetro, ocorrendo em praticamente todas as formações vegetais no território que se estende da Bahia ao Rio Grande do Sul. Sua madeira é moderadamente pesada, dura, compacta e de longa durabilidade natural.

A árvore tem grande capacidade de adaptação, sendo cultivada em países de clima muito distinto do Brasil, como China,

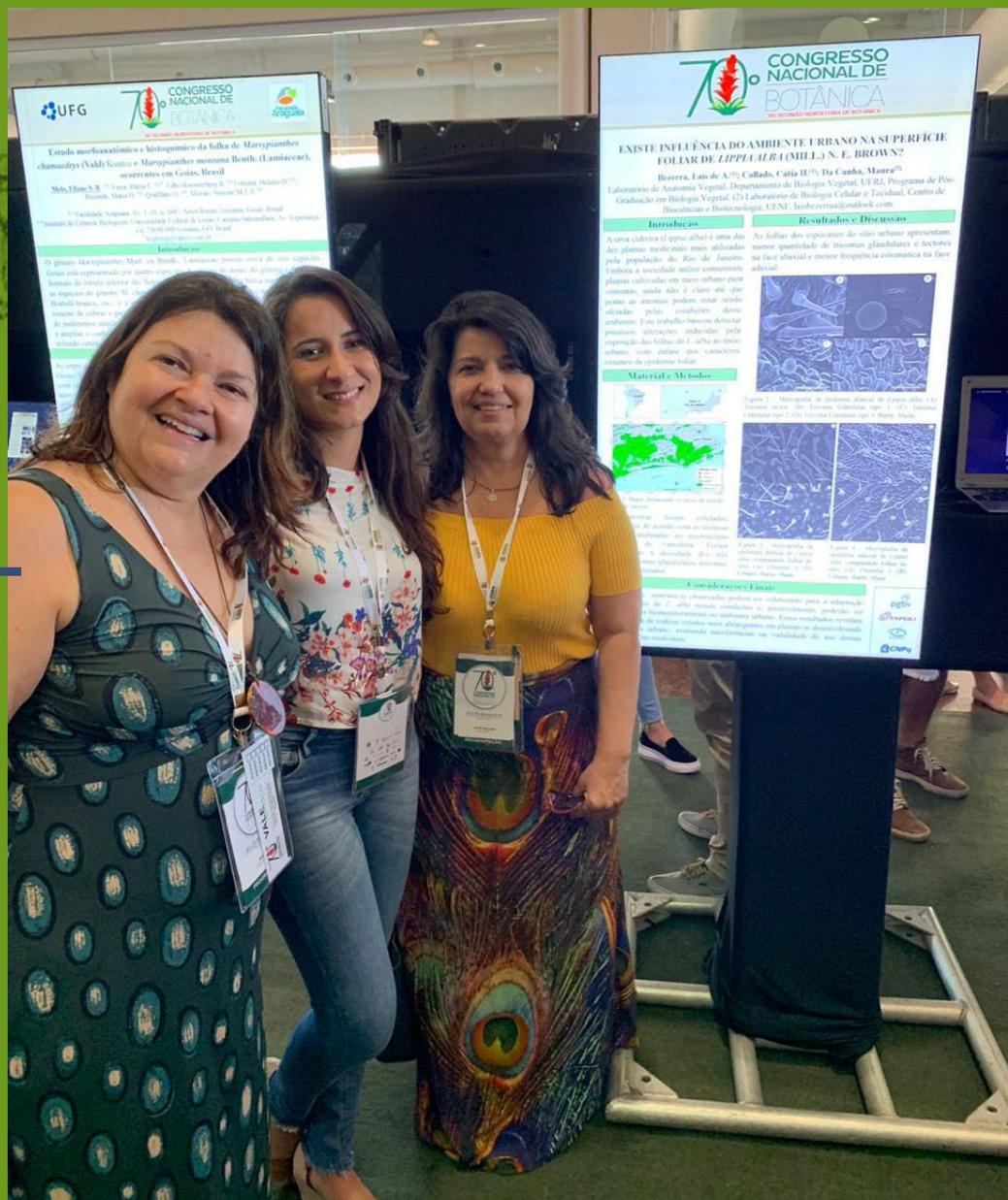


Ceilão, Antilhas, Argélia, Tunísia e França. Suas frutas são normalmente vermelhas, mas há variedades roxas e negras. Os pássaros que mais procuram os frutos da pitangueira são os jacus, sabiás, saíras, sanhaços, arapongas, gaturamos e bem-te-vis.

É uma planta semidecídua, que perde suas folhas, mas não todas, e é muito frequente em solos úmidos de regiões acima de 700 m de altitude. Floresce durante os meses de agosto-novembro e os frutos amadurecem em outubro-janeiro.

As espécies de árvores nativas como a pitanga são muito indicadas para ações de reflorestamento, preservação ambiental, arborização urbana, paisagismos ou plantios domésticos. O reflorestamento corresponde à implantação de florestas em áreas que já foram degradadas, seja pelo tempo, pelo homem ou pela natureza.

Pesquisadoras Maura Da Cunha, Laís Bezerra e Cátia Callado, apresentando os resultados dessa pesquisa no 70 Congresso Nacional de Botânica





O cientista brasileiro que mudou os rumos da Física

César Lattes, descobridor da partícula méson pi, faria 100 anos em julho de 2024

Todo estudante de pós-graduação já ouviu falar nele: César Lattes. Afinal, a plataforma que abriga os currículos de todos os pesquisadores e cientistas brasileiros leva o seu nome. O que muita gente não sabe é que César Mansueto Giulio Lattes — que em 11 de julho de 2024 completaria 100 anos — foi o autor de uma descoberta que mudou os rumos da física na década de 1950: a partícula subatômica méson pi.

Lattes fez a descoberta quando trabalhava no Laboratório da Universidade de Bristol, na Inglaterra. A detecção do méson pi foi premiada com o Nobel da Física em 1950, mas o cientista brasileiro não levou o prêmio, que foi concedido ao chefe da equipe responsável pela descoberta, Cecil Frank Powell, uma vez que, naquela época, a regra era premiar somente os chefes das equipes.



Uma das questões que os cientistas se perguntavam, naquela época, era como os prótons se mantêm unidos no núcleo dos átomos. César Lattes elucidou essa questão, apresentando à comunidade científica o até então desconhecido méson pi — a partícula responsável pela coesão dos núcleos dos átomos.

A denominação “méson” está associada à palavra grega “meio”. A partícula méson pi pode ser detectada a partir da colisão de partículas em laboratório, podendo ainda ser detectada na natureza, a partir da interação da radiação cósmica com a atmosfera terrestre — explica o físico Roberto

Franco, professor do Laboratório de Ciências Físicas do Centro de Ciência e Tecnologia da UENF (CCT), lembrando que Lattes foi um dos cientistas brasileiros de maior destaque nacional e internacional.

— A radiação cósmica é mais intensa em elevadas altitudes. Por isso, Lattes fez experimentos de detecção de mésons pi na montanha Chacaltaya, na Bolívia, a mais de 5.000 m de altitude. Este experimento foi realizado em 1947, quando Lattes tinha 22 anos — conta o professor da UENF.

Segundo Roberto Franco, o méson pi é uma partícula associada à força nuclear forte, que é uma das forças elementares da natureza. Esta partícula foi prevista teoricamente por Yukawa (Nobel de Física de 1949) e, portanto, a detecção do méson pi representou a confirmação da teoria de Yukawa e consolidou o conhecimento



sobre a estruturação dos núcleos dos átomos.

— A detecção do méson pi foi premiada com o Nobel de Física de 1950, concedido ao inglês Cecil Powell, chefe do grupo de pesquisa. Lattes não ganhou o prêmio Nobel, apesar de ter sido indicado por 7 vezes. Entretanto, recebeu grande o reconhecimento do trabalho realizado, tendo recebido, por exemplo, o título de *Doutor Honoris Causa* da USP, aos 23 anos de idade — conta Franco.

Filho de imigrantes italianos, Lattes nasceu em Curitiba. Com apenas 19 anos, graduou-se em Física e Matemática na Universidade de São Paulo (USP) no ano de 1943, quando passou a atuar como assistente da cadeira de Física Teórica da USP. Por dois anos, estudou os raios cósmicos em um laboratório montado nos Andes, na Bolívia. De 1944 a 1945, atuou no Laboratório da Universidade de Bristol, na Inglaterra, com o físico italiano Giuseppe Occhialini, sob a direção do físico britânico Cecil Powell. Em 1949 voltou ao Brasil assumindo o cargo de professor e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

— O físico Cesare Lattes desempenhou um papel crucial no avanço da ciência brasileira, tanto por suas realizações científicas no desenvolvimento da física de partículas quanto por seu impacto duradouro na formação de jovens cientistas no Brasil — diz a reitora da UENF, professora Rosana Rodrigues.

Segundo ela, Lattes é amplamente reconhecido como

Os dois responsáveis pela produção artificial do méson pi: o físico brasileiro César Lattes (1924-2005) à esquerda, na foto, e seu colega norte-americano Eugene Gardner (1913-1950), ambos ao lado de uma das partes do acelerador de partículas

FOTO: acervo 'Memória por Imagem', da Biblioteca do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF)

uma das figuras mais proeminentes e influentes na história da ciência brasileira, tendo sido indicado várias vezes ao Prêmio Nobel.

César Lattes trabalhou na Universidade da Califórnia e foi bolsista da Fundação Rockefeller, onde aperfeiçoou seus conhecimentos e foi considerado o maior cientista brasileiro de sua época. O cientista figura como um dos poucos brasileiros na *Biographical Encyclopedia of Science and Technology*, como também na *Encyclopedia Britannica*. Em 1965 recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de São Paulo. Lattes faleceu em Campinas, São Paulo, no dia 8 de março de 2005.

Papel na ciência brasileira

A grande popularidade nacional e internacional de Lattes propiciou sua importante participação na organização da pesquisa no Brasil. Lattes teve iniciativa na criação, em 1951, do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), atualmente Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Também influenciou na criação do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), em 1952, e da Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), em 1956.

— Lattes foi um dos fundadores do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), em 1949. Os trabalhos desenvolvidos no CBPF tornaram aquele centro uma referência, no qual diversos físicos importantes do mundo trabalharam por algum tempo, como Feynman (Nobel de Física de 1965) e Oppenheimer (coordenador do projeto Manhattan, da bomba atômica). Assim como Lattes, o CBPF tinha grande importância política, e elegeu, em 1963, Darcy Ribeiro como seu presidente, que teve um breve mandato — afirma Franco.

César Lattes recebeu diversos prêmios e homenagens. Há 25 anos o CNPq o homenageou, denominando a plataforma nacional de currículos como plataforma Lattes. A última honraria à César Lattes é a Lei 14.839, de 10 de abril de 2024, que determina a inclusão do seu nome no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria.

De acordo com César Lattes: “Só se pode melhorar a qualidade de vida de uma nação formando cidadãos pensantes. Isso significa educação primária, essencialmente, que só pode ser feita com bons professores secundários. Para ter boa educação secundária, precisamos de bons professores universitários. E para isso necessitamos de pesquisa”.

O ano do centenário de César Lattes coincidiu com o primeiro ano em que se comemora o Dia Nacional do Físico (Lei 14.769/2023), que é dia 19 de maio.

Cultura como prioridade

Ao idealizar a criação da UENF, no início dos anos 1990, uma das preocupações de Darcy Ribeiro era colocar a cultura como algo crucial dentro do ambiente acadêmico. Essa cultura deveria ser vista para além das belas artes, abrangendo “as diversas manifestações da criatividade humana, em particular as produções do pensamento investigativo e crítico, a ciência e a tecnologia, sem prejuízo para as elaborações da imaginação criadora e da memória” — conforme escreveu José Américo Motta Pessanha, autor do projeto da Casa de Cultura Villa Maria.

Recentemente, um grande passo foi dado neste sentido: a criação da Diretoria de Cultura da UENF, cargo para o qual foi escolhido o professor Giovane Nascimento, do Laboratório de Estudos da Educação e Linguagem do Centro de Ciências do Homem da UENF (LEEL/CCH). Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Giovane é o criador do Grupo de Estudos e Práticas Musicais da UENF (GEPMU).

A Diretoria de Cultura substitui a Assessoria de Cultura



da Universidade, chefiada pela professora Priscila Castro de 2020 a 2023, e abrange a Casa de Cultura Villa Maria, o Cine Darcy, o Coral UENF e o Espaço da Ciência. Segundo Giovane, a principal mudança com a criação da Diretoria é a maior autonomia para o setor, que agora ganha mais poder de execução e de ação dentro da Universidade. Isso possibilitará a instituição de novas práticas e ações culturais dentro da UENF.

— No entanto, é importante dizer que só a mudança do nome não garante que a Diretoria vai funcionar. Será necessária uma prática de Diretoria de Cultura. E isso implica dizer exatamente que a Diretoria não está ligada à Casa de Cultura Villa Maria, por exemplo. A Villa é um dos equipamentos culturais da Diretoria, assim como o Cine Darcy e os demais. A ideia de Diretoria ainda precisa ganhar corpo, ganhar sentido mesmo dentro da Universidade. É preciso principalmente que haja o entendimento das práticas que são desenvolvidas na Universidade que estão dentro desse campo da Diretoria de Cultura. Então esse é um trabalho que ainda precisa ser consolidado — afirma Giovane.

Segundo Giovane, sua prioridade no momento tem sido buscar organizar e entender um pouco mais as ações culturais desenvolvidas dentro dos *campi* da UENF. Nesse sentido, está sendo realizado o primeiro mapeamento cultural da Universidade, que vai fornecer indicadores para uma visão geral do que é produzido na Universidade em termos culturais.

— Temos procurado uma maior conexão com as mais variadas atividades culturais na universidade, buscando exatamente trazê-las para esse guarda-chuva entendido como Diretoria de Cultura. Para tanto, peço que todos os envolvidos, de alguma forma, com a cultura, preencham o formulário (<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdH19OtozXGKx1hrNV6x3gGw5nwb8887hbEuxKh-qH2ECW-cEA/viewform>).

A experiência de Giovane na área de cultura começou antes da UENF como músico. Na Universidade, a experiência se ampliou com a criação do Grupo de Estudos e Práticas Musicais (GEPMU), criado há cerca de 10 anos como um projeto de extensão mas que, com o tempo, acabou se tornando também um projeto de pesquisa. O Grupo tem como proposta investigar e experienciar as produções relacionadas à cultura popular através de oficinas, grupos de estudo e pesquisas.

Como professor e pesquisador da UENF, Giovane começou com um trabalho sobre o samba de Campos dos Goytacazes, seguido de uma série de levantamentos das expressões culturais do interior. O livro “Paisagens sonoras no interior”, publicado em 2020, reúne artigos sobre expressões culturais como o fado



de Quissamã, a mana-chica, o jongo e o samba de Campos, escritos por pessoas que atuam diretamente ligadas à cultura. O livro foi organizado pelos professores Giovane Nascimento e Hélió da Silva Júnior e pode ser acessado **AQUI**.

— Nos nossos projetos de extensão, temos realizado diversas ações nessa área também. Hoje tenho um projeto sobre as expressões culturais sonoras em Armação de Búzios (RJ), no qual a gente busca contato com as canções caiçaras, as canções dos quilombos, a ciranda da Baía Formosa, o jongo do quilombo da Rasa, a mana chica do Caboio etc. Agora também criamos um projeto de iniciação científica que vai se voltar um pouco mais para a mana-chica de Gargaú — afirma Giovane, acrescentando que o GEPMU também está realizando um mapeamento sonoro do interior.

Casa de Cultura Villa Maria

Em relação à Casa de Cultura Villa Maria, Giovane tem por objetivo criar políticas que propiciem uma maior interação com a comunidade interna e externa à UENF.

— A Casa precisa ser visitada, frequentada cada vez por mais pessoas da comunidade. Hoje, por exemplo, muitos estudantes das escolas no entorno frequentam a Villa, mas a gente precisa criar algumas ações culturais, pedagógicas, formativas, para esses estudantes. É o que temos procurado fazer para acolher esses jovens — disse.

Outra questão importante, para ele, é que a Villa Maria se abra para os artistas. Ele está elaborando um edital de residência artística, que deverá ser implementado no próximo ano. A ideia é atrair pessoas de qualquer lugar, interessadas em passar um tempo na Casa e produzir cultura a partir do que Villa tem para oferecer.

— Essa é uma ideia muito inspiradora. Tenho conversado com pessoas ligadas à cultura local para ajudar a elaborar isso. Além de realizar oficinas, cursos e produzir arte e cultura, os residentes poderão usar nosso acervo de peças de teatro, peças musicais que estão lá paradas, precisando ser revisitadas, estudadas, conhecidas pelos artistas — explica.

Mapeamento Cultural

Uma das prioridades do momento é a realização do mapeamento cultural, como forma de levantar dados e indicadores confiáveis que possam ajudar na elaboração de políticas culturais.

— Com esse mapeamento a gente vai conseguir alinhar uma política cultural para a Universidade ou, pelo menos, deixar isso mais ou menos estruturado porque a gente sabe que esse é um trabalho realmente muito delicado e demorado. Então talvez a próxima gestão poderá ter esses dados à disposição — afirma Giovane.

Ele observa que também estão sendo concentrados esforços para sistematizar as políticas de uso dos equipamentos culturais da Diretoria de Cultura.

— A gente está organizando, planejando. Estamos muito mais nesse processo de sistematização para que efetivamente possamos consolidar a Diretoria de Cultura. Percebemos que as ações são muito fragmentadas em todo o *campus*, então nosso desafio agora é reunir tudo isso, por exemplo, em um calendário de ações — diz.

Cultura no ambiente acadêmico

Na opinião de Giovane, a cultura no ambiente acadêmico é agregadora e precisa ser muito valorizada. Mas é necessário superar, segundo ele, uma visão limitada da cultura, como um mero entretenimento.

— O entretenimento é bom demais, todos nós adoramos isso, mas cultura é um pouco mais que isso. Deve ser entendida como conhecimento e produção de conhecimento científico. Isso é um grande desafio — afirma.

Outra questão é o entendimento de que a cultura também tem um valor econômico. Em 2020, a economia da cultura movimentou no Brasil em torno de R\$ 230 bilhões, o que equivale a 3,11% do Produto Interno Bruto (PIB). Os dados foram divulgados na chamada Carta de São Paulo, pelo Ministério da Educação e Cultura.

— Acho importante a gente se comprometer com essa linha que o próprio Ministério da Cultura tem adotado, buscando a produção de evidências e dados estatísticos com o objetivo de aprimorar os estudos sobre o PIB das economias e indústria criativa. Quando a gente promove um evento isso gera circulação de recursos. Então além do valor humano e de entretenimento, a cultura gera trabalho e renda — afirma.



Antes tarde do que nunca

Estudantes da UENF superam dificuldades de estudar com mais idade para realizar o sonho de permanecer na universidade e se formar

No dia 10 de março de 2023, viralizou na internet um vídeo de alunas do curso de Biomedicina de uma faculdade de Bauru, interior de São Paulo, no qual elas debocham de uma estudante de 44 anos. Elas cometeram o chamado etarismo, que é o preconceito por idade. Com a repercussão negativa do caso, as alunas que gravaram o vídeo acabaram desistindo da faculdade. A estudante, por sua vez, passou a ter problemas psicológicos devido ao trauma com tamanha exposição. Entretanto, uma corrente do bem também aconteceu, com pessoas com mais de 40 anos contando suas histórias nas redes sociais.

No entanto, é cada dia maior o número de pessoas que, por não terem conseguido realizar um curso superior mais cedo — geralmente por dificuldades socioeconômicas —, optam por seguir o sonho de entrar na universidade numa fase mais madura da vida. É o caso de três alunos da mesma turma do curso de Zootecnia da UENF: Alessandra Oliveira de Carvalho Ribeiro, Liliana Almeida Gomes e Gustavo Perisse Cataldi Bifano. Ao mostrar a história de luta e persistência destes estudantes, tanto para ingressar quanto para permanecer na Universidade, a UENF busca dar o exemplo de que nunca será tarde para ingressar nos bancos escolares.

Alessandra, de 41 anos, tem dois filhos, Emmanuel, de 13 anos, e Lucas, de sete anos. Casada com Manoel, ela é natural de São João de Meriti, mas vive em Campos dos Goytacazes desde os oito anos de idade. Alessandra mora em Baixa Grande, Baixada Campista, trabalha na área da Saúde, pega dois ônibus para chegar à UENF e mais dois ônibus para voltar para casa. Ela afirma que estudar na sua faixa etária é bem difícil, pois as responsabilidades da vida adulta requerem tempo e dedicação, como o trabalho, as tarefas domésticas e a criação dos filhos.

— O tempo de estudo é escasso. Sempre tive o sonho de estudar na UENF, porém não tive a oportunidade quando era nova, já que precisei ir para o mercado de trabalho após o ensino médio, onde fiz médio técnico. Achava que a UENF era apenas um sonho, não era pra mim, até que resolvi fazer o Enem e passei. Vivi o pior momento da minha vida logo no primeiro semestre, quando meu pai entrou em estágio terminal de um câncer no dia que vim fazer a matrícula. Fiz a matrícula chorando, pensando em desistir. Mas meu marido não me deixou desistir. Dois meses depois meu pai faleceu. E eu aqui, tentando estudar com todas as dificuldades que enfrento — destaca Alessandra.



“Achava que a UENF era apenas um sonho, não era pra mim, até que resolvi fazer o Enem e passei”

(Alessandra Oliveira de Carvalho Ribeiro, estudante de Zootecnia, 41 anos)

Ela conta que tem muitas dificuldades para conciliar os estudos com o trabalho.

— Eu trabalho de plantão em um hospital público. Para estudar, tenho que fazer várias trocas de plantão e, às vezes, isso me sobrecarrega. Trabalho à noite também e, muitas vezes, venho direto do plantão para as aulas. Nos finais de semana estou sempre de plantão. Não tenho muito tempo para estudar. Revezos com meu marido para levar e buscar as crianças na escola e também ficar com eles. Tenho dificuldades com ônibus também, esperando muitas vezes um tempão — explica Alessandra.

Liliana, de 56 anos, é campista, tem dois filhos, Luã, de 32 anos, e Juliana, de 16 anos. Ela, que mora no Parque Aldeia junto com Junio Cesar, também pega dois ônibus para chegar à UENF e outros dois ônibus para voltar para casa. Além das dificuldades de locomoção, Liliana relata as dificuldades para os estudos.

— A universidade mais tarde é um grande desafio principalmente para minha idade porque existe dificuldade para gravar as matérias para as provas. Eu tenho que estudar o dobro do que outros alunos estudam porque eles são jovens e têm a mente mais leve, sem contar que,

como já sou mãe e dona de casa, as preocupações são grandes — alega Liliana.

Ela diz que estudar na UENF é um sonho antigo, de mais de 20 anos. Ela chegou a realizar o vestibular para a Universidade em 2001 — quando o ingresso ainda era através do Vestibular Estadual, junto com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Passou na primeira etapa, mas não foi bem na segunda.

— Depois que eu fiz essa prova para a UENF e não passei, não parei de estudar. Eu já tinha curso técnico em Contabilidade, aí fiz prova para o Cefet na época. Passei na prova e fiz o curso técnico de Eletrotécnica, depois emendei com o curso técnico de Telecomunicações. Logo depois eu prestei vestibular para a Cândido Mendes, onde eu me formei em Administração — lembra Liliana.

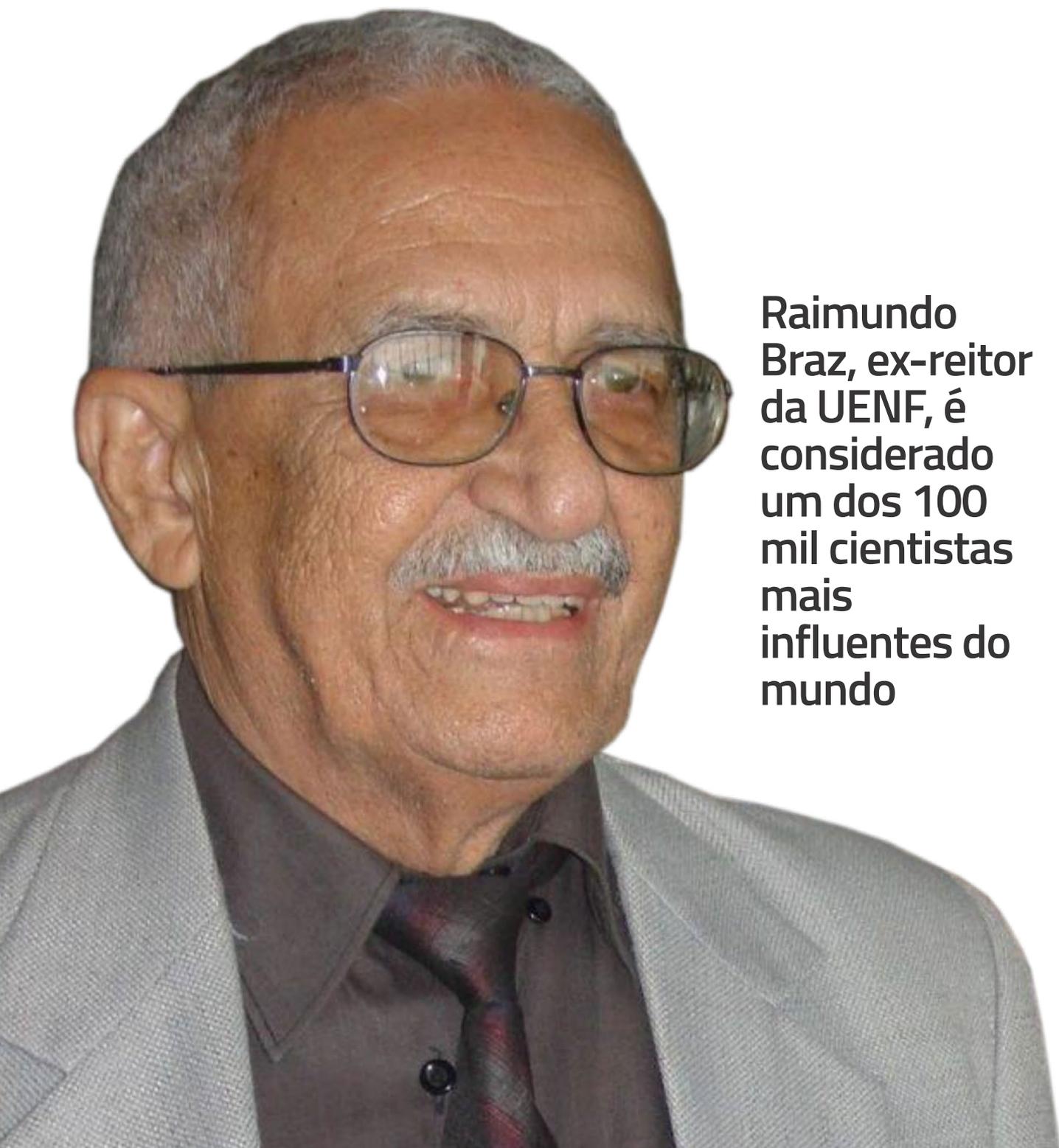
Gustavo, de 42 anos, sem filhos, tem uma loja virtual de acessórios e trabalha como motorista. Ele é biólogo e também está fazendo sua segunda graduação. Seu objetivo, ao realizar o curso de Zootecnia, é mudar de ramo e abrir uma loja física no ramo da criação de animais de produção.

— Já tenho minha pequena criação de galinhas poedeiras e peixes ornamentais. Pretendo aumentar o número de poedeiras para sair da subsistência para produção mais massiva, juntamente com a produção de peixes. Ainda estou estudando a produção que mais me convém, mas já estou nesses dois modelos de produção na minha casa. Minha pretensão é ser um produtor urbano dentro da Zootecnia — planeja Gustavo.

Gustavo afirma gostar de estudar na UENF e que o curso de Zootecnia é um sonho antigo, pois ele sempre quis atuar profissionalmente na área de animais de produção e pets.

— O curso engloba alimentação, melhoramento genético, manejo, criação, abate e consumo de derivados. É tudo que eu gosto. Desde o primeiro período eu já comecei comprando meu primeiro grupo de animais de produção, minhas 20 galinhas *novogen tinted*, que não deixam a geladeira vazia de ovos desde então. Chega a acumular oitenta ovos por semana, e eu tenho que colocar na cartela e vender. Pretendo comprar mais galinhas esse ano, talvez o dobro e aumentando a produção, aí dessa vez buscando consumidores para escoar — ressalta Gustavo.

De jogador de futebol e expoente da ciência brasileira



**Raimundo
Braz, ex-reitor
da UENF, é
considerado
um dos 100
mil cientistas
mais
influentes do
mundo**

Ele já foi jogador de futebol, tornou-se cientista por uma manobra improvável do destino e hoje dá nome a substâncias encontradas em vegetais. Reitor da UENF no período de 2003 a 2007, Raimundo Braz Filho teve seu nome recentemente incluído na lista dos 100 mil cientistas mais influentes do mundo no *ranking* da Universidade de Stanford (EUA).

Membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC), Braz considera que a ciência brasileira, embora tenha superado momentos difíceis no passado recente, ainda tem muito a melhorar. Na sua opinião, o Estado deve priorizar um “maciço investimento na ciência, voltado para o desenvolvimento nacional”.

Atualmente, o professor Braz ocupa o cargo de professor emérito do Laboratório de Ciências Químicas da UENF (LCQUI). Nesta entrevista concedida à Assessoria de Comunicação da UENF (ASCOM), Braz fala um pouco sobre a sua trajetória profissional — na qual orientou mais de 120 alunos de pós-graduação —, bem como sobre a importância da educação pública de qualidade, ciência e tecnologia para o desenvolvimento do país.

ASCOM - Recentemente, seu nome ficou na lista dos 100 mil cientistas mais influentes do mundo no *ranking* da Universidade de Stanford (EUA). Na sua opinião, a que se deve este resultado?

BRAZ - Certamente se deve à publicação qualificada de 573 artigos (contados desde 1963 até 18 de novembro de 2023), por meio de anais (014) e periódicos nacionais (241) ou estrangeiros (318) de circulação internacional. Esses trabalhos contêm resultados de atividades de pesquisa envolvendo a criação de novos conhecimentos científicos e formação de recursos humanos qualificados com a participação de professores/pesquisadores da UFRRJ e outras universidade públicas federais (UFC, UFPB, UFRGN, UFSE, UNIVASF, UFSC), da UENF e de outras estaduais ou municipais (UECE, UVA, URCA, UEFS, UEL), bem como de alunos de pós-graduação em mestrados (79 orientados ou coorientados) e doutorados (45 orientados ou coorientados).

ASCOM - Após a sua aposentadoria compulsória, a comunidade da UENF conferiu ao senhor o título de professor emérito da Universidade. Neste período, como vem sendo sua atuação na UENF?

BRAZ - Continuei desenvolvendo as mesmas atividades de pesquisa envolvendo a participação no processo de geração de conhecimentos científicos e formação de recursos humanos qualificados por meio da orientação/coorientação de alunos de mestrado e estudantes de doutorado, principalmente na UENF e na Universidade Rural (UFRRJ).

ASCOM - O senhor tem ideia de quantos alunos orientou durante sua trajetória como professor e pesquisador e por onde eles estão?

BRAZ - Foram 79 orientados ou coorientados em mestrado e 45 em doutorados orientados ou coorientados, que continuam desenvolvendo atividades profissionais principalmente em universidade estaduais ou federais brasileiras

ASCOM - De que forma o senhor acha que seu trabalho tem contribuído para o conhecimento na área de Química no Brasil e no mundo?

BRAZ - Vou utilizar uma mensagem recebida recentemente do professor indiano Pawan K. Agrawal, um indiano, para responder com um exemplo a essa oportuna pergunta. Ele me informa estar cogitando a criação de uma nova revista científica na área de Química de Produtos Naturais e Farmacologia e me convida para participar da iniciativa, o que não tive condições de atender. Ele diz, em texto traduzido para o português: “Sou muito grato a você por ter apoiado a *Natural Product Communications*, não só publicando artigos de alta qualidade, mas também por seu enorme esforço editorial. Sem o seu apoio, a revista não teria prosperado.” O trabalho do professor-pesquisador é esse de atuar no esforço coletivo pela geração de novos conhecimentos e pela formação de pessoal qualificado.



ASCOM - Sabemos que, antes de ser cientista, o senhor foi jogador de futebol. Conte-nos como ocorreu essa transição.

BRAZ - O entusiasmo pelo futebol levou-me a jogar na equipe juvenil do Gentilândia Futebol Clube (time da primeira divisão do futebol cearense), no Nash (time do bairro Joaquim Távora), no time do município de Pacatuba (onde nasci, no distrito Carapió) e no Nacional (time dos Correios e Telegráfos de Fortaleza), no Genilândia (da primeira divisão do futebol cearense) e no Calouros do Ar Futebol Clube (também da primeira divisão cearense, onde fui titular absoluto. Atuei também entre os profissionais do Ceará Sporting Clube (onde era conhecido como Dico II), time mais popular e querido da primeira divisão do futebol cearense, residindo na sua sede no Estádio Carlos de Alencar Pinto com outros jogadores (Alexandre, Bira, Guilherme, Benício, Zé Ibiapina, Claudinho, Lacinho, Harry Carey, Ananias, Carneiro, Reginaldo, Bebeto, Dico I, René e o roupeiro e ex-jogador conhecido

com Vinte e Oito). Não consegui me firmar como titular efetivo no time do Ceará, mas joguei várias partidas entre os profissionais efetivos, contribuindo, inclusive, para a vitória de jogo decisivo (ganhamos por 1x0) do Campeonato Cearense, decidido através da disputa de três partidas (melhor de três) com o forte time Usina Ceará. Essa participação e outras eventuais permitiram a conquista da faixa de Supercampeão – Bicampeão - 1957/1958.

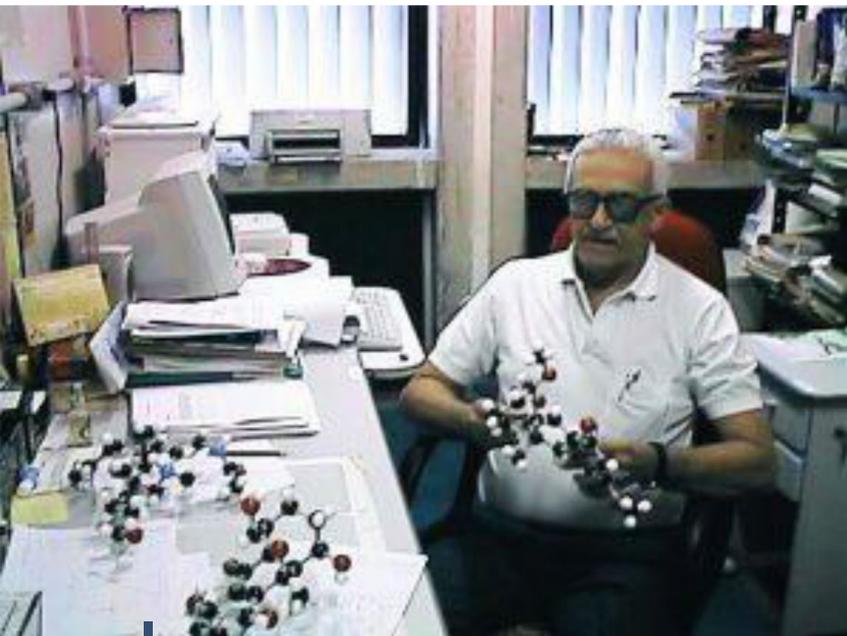
ASCOM – O senhor sempre conta que jamais teria estudado se não fosse a ajuda de um amigo da família, pois morava no interior do Ceará, longe de escolas e faculdades. O senhor acha que existem outros jovens nas mesmas condições, mas que poderiam também chegar lá se houvesse mais ajuda para eles?

BRAZ - Realmente eu morava no distrito de Carapió, município de Pacatuba (CE), e contei com a ajuda mais do que fundamental do meu padrinho. Em resumo, não havia escola pública, e eu iniciei meus estudos como único aluno do proprietário de uma mercearia a um quilômetro de distância da nossa casa. Mas meu padrinho Francisco das Chagas de Albuquerque e Souza, em uma de suas frequentes viagens pelo município, parou o cavalo em frente a nossa residência para beber água. Lembrou-se, então, do afilhado e perguntou onde estava, tendo verificado que eu, ainda criança, estava tentando ajudar meu pai no trabalho agrícola. Dirigiu-se, então, a meu pai e perguntou por que eu não estava numa escola na sede do município. Ao saber que tal objetivo esbarrava em dificuldades de acomodação, ofereceu-me imediatamente hospedagem em sua residência. Depois ele se mudou para a capital, Fortaleza, e eu fui junto para lá, onde pude continuar os estudos. Eu tenho certeza de que existem milhares, talvez milhões de jovens em situação semelhante àquela em que eu me encontrava. Pouquíssimos, se é que haverá pelo menos um, terão a oportunidade que eu tive. Por isso não podemos depender de gestos nobres e generosos como o do meu padrinho, mas sim contar com a educação pública de qualidade!

ASCOM - Fale um pouco sobre a sua trajetória profissional até chegar à UENF e como se deu a sua entrada na Universidade.

BRAZ - Fui professor da Universidade Federal do Ceará (UFC) de 1963 a 1975, tendo atuado como instrutor de ensino superior, professor assistente e depois professor adjunto. Vinte anos após minha saída, em 1995, recebi o título de professor *Honoris causa* da instituição. Fui professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) de 1975 a 1991. Em junho de 1975, transferi-me para a UFRRJ, onde assumi a categoria de professor titular, com a responsabilidade, inclusive, de reativar o curso de pós-graduação em Química de Produtos Naturais - Química Orgânica, que hoje oferece

mestrado e doutorado credenciados pela Capes e se encontra plenamente consolidado. Aposentei-me em 1991 para evitar possíveis perdas de benefícios legais ameaçadas pelo então presidente da República e assumi as mesmas atividades como Bolsista Pesquisador Aposentado do CNPq (1991-1994). Também a UFRRJ me concederia, em 1994, um honroso título: o de professor emérito. Em 1994 iniciei minhas atividades na UENF, onde fui professor titular até minha aposentadoria compulsória, que, na ocasião, ocorria aos 70 anos de idade, mas no meu caso esperou o fim de meu mandato como reitor, que durou de 2003 a 2007.



Professor Braz em seu gabinete de trabalho no Laboratório de Ciências Químicas (LCQUI), da UENF. (Foto: Arquivo Pessoal).

ASCOM - Quais pesquisas o senhor destacaria nesta trajetória?

BRAZ - Minha principal atividade profissional envolve o isolamento e a elucidação estrutural de substâncias orgânicas naturais produzidas pelo metabolismo secundário de organismos vivos. Algumas dessas substâncias são capazes de exercer certas atividades biológicas (por exemplo, podem ser úteis na produção de medicamentos), e esse tipo de aplicação depende de investigação desenvolvida por colaboração avaliada por pesquisadores que aparecem como coautores nas publicações correspondentes. O desenvolvimento dessas atividades gerou novos conhecimentos científicos e permitiu contribuir para o processo de formação de recursos humanos qualificados, essenciais para o desenvolvimento educacional, científico e tecnológico do país. Os resultados dessas atividades promoveram a conquista de 164 homenagens. Aqui não é lugar para enumerá-las, mas, a título de curiosidade, quando completei 70 anos fui homenageado por pesquisadores que atribuíram a uma nova substância orgânica (alcaloide) o nome de Braznitidumine, a numero especial do *J. Braz. Chem. Soc.* – SBQ, a *Rev. Virtual Química* – SBQ-RJ. Também tive meu sobrenome inserido nos nomes de novas substâncias isoladas das espécies vegetais, que foram batizadas como: Brazoxido A (*Pilocarpus spicatus*, popularmente conhecida como jaborandi), Brazoides A, B, C e D (*Justicia gendearussa*) e Brazoide E e F (*Justicia wasshausemiana*)

ASCOM - Que conselho o senhor daria para os jovens que estão ainda relutantes em seguir ou não a carreira científica?

BRAZ - Aos que se sentem vocacionados eu diria para irem em frente, sem receio. Infelizmente nosso país ainda não valoriza

como deveria a educação e a ciência, mas isso não é de agora. Na perspectiva do profissional cidadão, o que importa é colocar sua energia não apenas nos ganhos pessoais, mas também na conquista de um patamar minimamente razoável de justiça social para todos os brasileiros.

ASCOM - Como membro da Academia Brasileira de Ciências (ABC), como o senhor avalia o atual panorama da ciência brasileira?

BRAZ - Tivemos um período particularmente difícil nos últimos anos: além de problemas orçamentários históricos, convivemos com governantes explicitamente avessos ao mundo da ciência. Felizmente isso foi superado, mas também não quer dizer que a ciência brasileira esteja, como se diz, “muito bem, obrigado!”. A meu ver, esse panorama só vai sofrer uma mudança substantiva quando colocarmos prioridade nos interesses da nação em vez de ficarmos reféns de interesses particulares, sobretudo do mundo financeiro. Quase todos falam em educação, mas a questão é o Estado assumir a responsabilidade de ofertar ensino de qualidade desde os níveis iniciais, como já tinha feito Leonel Brizola com os Cieps no estado do Rio, e definir prioridades para um maciço investimento na ciência voltado para o desenvolvimento nacional. Podem dizer que o mundo mudou, que estou ultrapassado, que nada é como antes, mas insisto: ou se coloca o interesse nacional na frente, ou vamos continuar muito aquém de nossas potencialidades em muitas áreas, inclusive na ciência.

ASCOM - Qual a importância da ciência no desenvolvimento de um país?

BRAZ - A meu ver está fartamente demonstrado que qualquer país que pretenda ser soberano precisa ter autoridade no mundo da ciência. Veja, pelo exemplo da pandemia de Covid-19, como faz diferença um país ter autonomia científica e tecnológica para produzir as vacinas de que seu povo precisa! Mas é claro que as coisas nem sempre funcionam de maneira simples. Uma coisa, fundamental, é o desenvolvimento científico, que corresponde ao avanço e ao domínio do conhecimento. Outra coisa, também muito importante, é transformar os avanços do conhecimento na ciência básica em tecnologias para uso prático no cotidiano. No primeiro aspecto o Brasil normalmente não vai mal, mas no segundo me parece que precisa melhorar muito. É preciso, inclusive, criar políticas para favorecer a fixação em nosso país dos pesquisadores que formamos anualmente e que muitas vezes não têm espaço por aqui e vão para o exterior.



Assessoria de Comunicação da Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro

✉ ascom@uenf.br

🌐 www.uenf.br

Av. Alberto Lamego, 2000
Parque Califórnia
Campos dos Goytacazes/RJ
CEP: 28013-602

Telefones:

(22) 2739-7003

(22) 2739-7002

(22) 2739-7006

E-mail: reitoria@uenf.br



UENF

Universidade Estadual do
Norte Fluminense Darcy Ribeiro

www.uenf.br

 [uenfocial](#)  [uenf_oficial](#)  [uenftv](#)